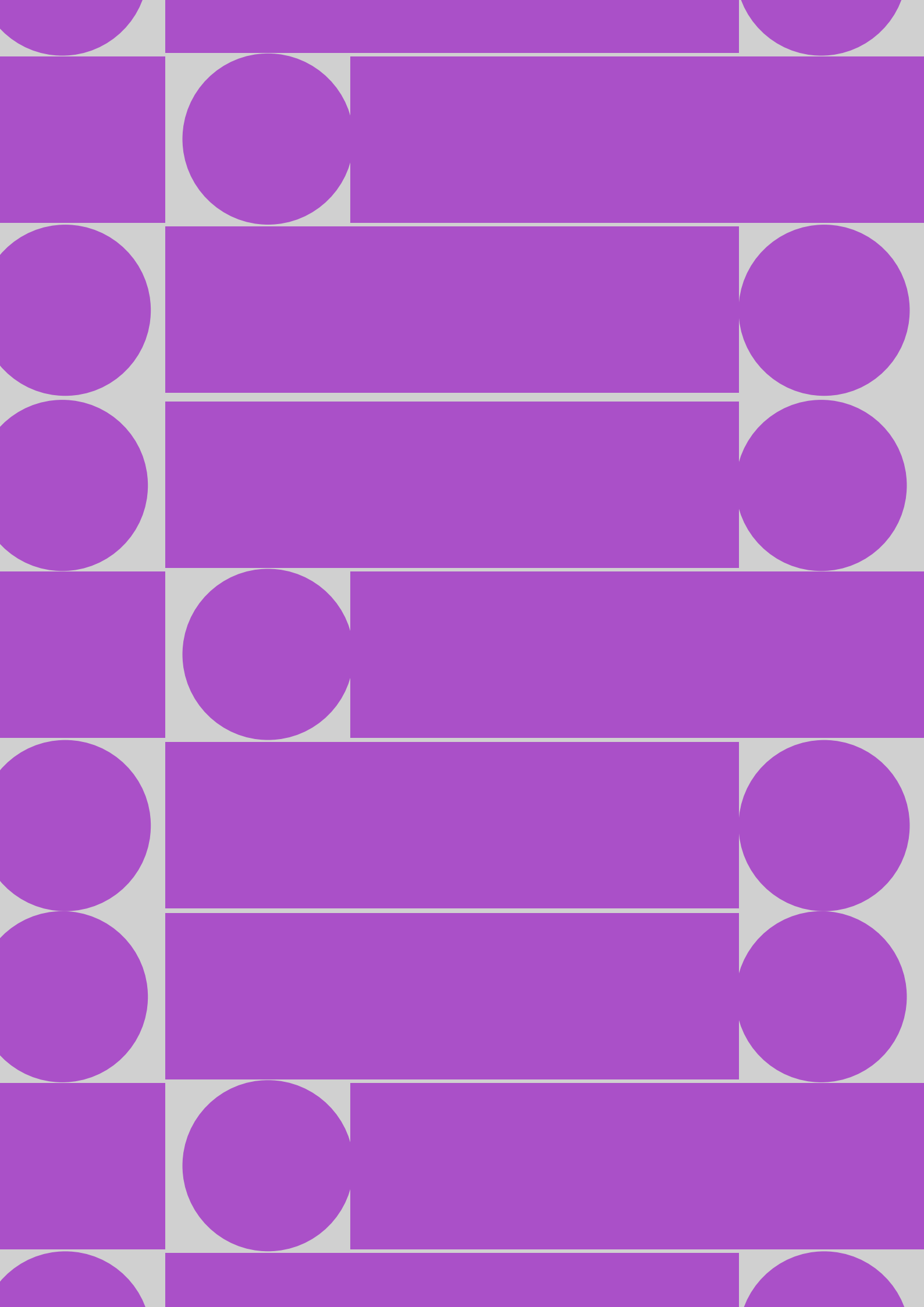


**O QUE NOS**

**CONTAM AS**

**CANDIDATAS E**

**CANDIDATOS**



# +REPRESENTATIVIDADE

---

Principais aprendizados 04

Introdução 06

Conteúdo 10

Considerações finais 30

Conheça a pesquisa completa 34

---

---

51 participantes da pesquisa, menos da metade – 19 (37%) – mencionaram que se candidavam pela primeira vez. Isso é compatível com os cargos que disputavam (para assembleias legislativas estaduais e Câmara de Deputados), que tendem a requerer níveis mais elevados de experiência e capital político.

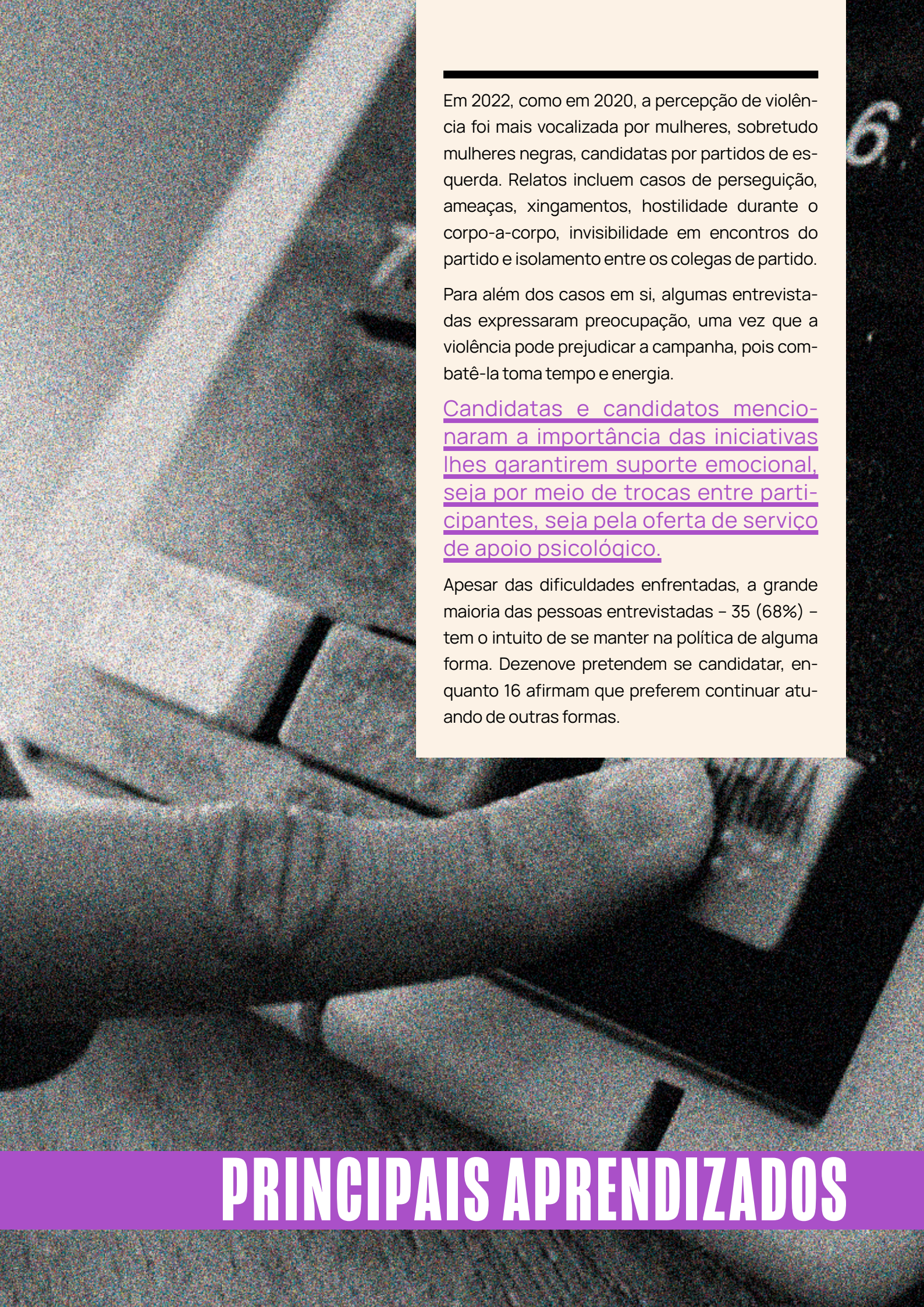
Entre as 51 candidatas e candidatos que participaram da pesquisa, 4 foram eleitas ou eleitos para os cargos de Deputada e Deputado Estadual. Três participaram de iniciativas de apoio a candidatas e candidatos

As/Os candidatas/os relataram a necessidade de dispêndios altos relacionados à campanha, já que, para ampliar a visibilidade, foi necessário combinar atividades online e presenciais.

Uma parcela significativa das pessoas entrevistadas – 35 (69%) – relatou ter sofrido pelo menos um tipo de violência política. Ou seja, este continua sendo um tema relevante nos relatos de candidatas e candidatos.



# PRINCIPAIS APRENDIZADOS



Em 2022, como em 2020, a percepção de violência foi mais vocalizada por mulheres, sobretudo mulheres negras, candidatas por partidos de esquerda. Relatos incluem casos de perseguição, ameaças, xingamentos, hostilidade durante o corpo-a-corpo, invisibilidade em encontros do partido e isolamento entre os colegas de partido.

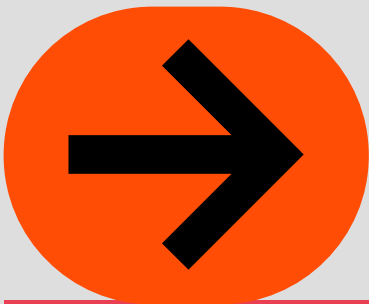
Para além dos casos em si, algumas entrevistadas expressaram preocupação, uma vez que a violência pode prejudicar a campanha, pois combatê-la toma tempo e energia.

Candidatas e candidatos mencionaram a importância das iniciativas lhes garantirem suporte emocional, seja por meio de trocas entre participantes, seja pela oferta de serviço de apoio psicológico.

Apesar das dificuldades enfrentadas, a grande maioria das pessoas entrevistadas – 35 (68%) – tem o intuito de se manter na política de alguma forma. Dezenove pretendem se candidatar, enquanto 16 afirmam que preferem continuar atuando de outras formas.

**PRINCIPAIS APRENDIZADOS**

**1**



**INTRODUÇÃO**

Com o objetivo de identificar obstáculos e oportunidades para mais representatividade na política, utilizamos o mesmo entendimento adotado em 2020: o de que a representação é fruto de vários momentos na trajetória política, e de que cada uma dessas etapas de transição pode favorecer ou dificultar a presença de mulheres, pessoas negras, quilombolas, indígenas e LGBTQIA+ na política.

Por exemplo: o que faz com que uma pessoa passe a ter intenção de se candidatar? O que faz com que ela efetivamente consiga ser nomeada candidata por um partido? Que fatores podem aumentar suas chances numa campanha e o que pode lhe garantir resiliência, ou seja, que se candidate novamente, caso não seja eleita?

Este Relatório analisa especificamente o papel de candidatas e candidatos no processo eleitoral, com o objetivo de identificar como se comportam no período das eleições, com foco em suas motivações, principais desafios e estímulos, preferências e atitudes.

Há aspectos conjunturais relativos à eleição de 2022 que merecem destaque, dentre os quais o fato de não ser esta, na comparação com 2018, uma eleição com um desejo social de renovação; bem como o fato de que, na comparação com 2020, se tratou de uma campanha feita presencialmente, ainda que com forte relevância dos movimentos online. Outros fatores foram também marcantes, como a polarização entre os dois candidatos à frente das pesquisas e a relação das candidatas e candidatos com essa disputa (ou seja, seu papel junto a quem apoiavam) e a consolidação da perspectiva por mais representatividade como discurso na hora da escolha do voto.

Todos esses fatores influenciam diretamente o papel e experiência das candidatas e candidatos sobre os quais pesquisamos. E suas narrativas nos sugerem que houve diversos avanços no que diz respeito à necessidade de mais diversidade na representação nos últimos anos.

## DE ONDE VÊM OS DADOS E COMO FORAM ANALISADOS?

Ao longo do 2º semestre de 2022 e no início de 2023, identificamos e acompanhamos a candidatura de 50 candidatas e candidatos a Deputada e Deputado Estadual e Federal do Brasil, das regiões Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

Para selecionar os participantes, identificamos 30 candidatas e candidatos que participaram ao menos de uma das 4 iniciativas de apoio a candidaturas selecionadas pela pesquisa (a saber Renova, Tenda das Candidatas, Goianas na Urna e Rede de Mulheres Negras de PE). Para cada uma dessas 30 pessoas candidatas, identificamos um “espelho”, ou seja, uma pessoa candidata com perfil sociodemográfico semelhante, mas que não participou de qualquer programa.

Desse total de 60 perfis, 51 aceitaram participar da pesquisa<sup>1</sup>, sendo 25 candidatas e candidatos a Deputada e Deputado Federal e 26 candidatas e candidato a Deputada e Deputado Estadual. Das 25 candidaturas a Deputada e Deputado Federal, 14 participaram e 11 não participaram dos programas de apoio acima mencionados. Das 26 candidaturas a Deputada Estadual, 15 tiveram experiência em iniciativas e outras 11 eram “espelhos”.

Das 51 pessoas entrevistadas, 41 eram mulheres (cis e trans) e 10 homens, dentre os quais pessoas negras, quilombolas, brancas e indígenas, quilombolas, brancas/os e indígena, de faixas etárias também variadas. Das 21 pessoas entrevistadas, 21 eram mulheres pretas (52%), 4 eram pardas (10%), 14 brancas (34%), 1 (2%) indígena e 1 amarela (2%). Para efeito de coleta de diferentes perspectivas, os nomes selecionados também pertenciam a diversos partidos, como PT, PSOL, PSB, Cidadania, PL, Novo, MDB, Republicanos, PCB, Rede, PP, PSDB, União Brasil, PSD, PDT e Solidariedade.

Realizamos duas rodadas de entrevistas semiestruturadas. A primeira no período pré-eleitoral (entre setembro e outubro de 2022), com um questionário de 28 perguntas; e a se-

---

1. Apesar de termos feito 51 entrevistas, 1 teve problemas na gravação, de forma que, em alguns momentos deste Relatório, mencionamos apenas 50 entrevistas.

---



gunda no período pós-eleitoral (entre novembro de 2022 e janeiro de 2023), com um questionário de 25 perguntas. Ao final, fizemos 97 entrevistas semiestruturadas, com duração em torno de 40 minutos, sendo 51 na primeira rodada e 46 na segunda, resultado da repetição das mesmas pessoas entrevistadas da primeira rodada<sup>2</sup>.

As entrevistas foram gravadas com o consentimento das/os entrevistadas/os. Depois de realizadas, todo o material foi transcrito e codificado com o objetivo de identificar potenciais padrões.

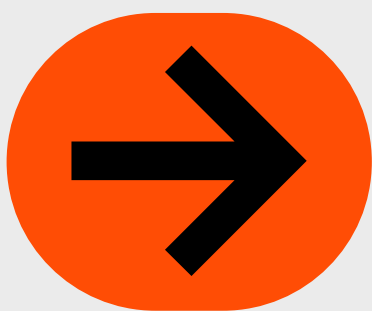
Separamos e sistematizamos nas seções seguintes alguns dos principais temas das entrevistas.

---

2. Cinco das candidatas e candidatos que participaram da primeira rodada não quiseram participar da segunda.

---

2



**CONTEÚDO**

## O QUE NOS CONTAM AS CANDIDATAS E CANDIDATOS

### 1. Na percepção das candidatas e candidatos, quais foram os principais fatores que favoreceram suas campanhas?

Das candidatas e candidatos<sup>3</sup> que compuseram a amostra, 37 (72,5%) identificaram que seus atributos e características individuais, além de participação em movimentos e profissão que exercem, foram fatores que mais as e os favoreceram na campanha. Por exemplo, como relatou Lais Araújo, aspectos relacionados às suas características pessoais a permitiram se conectar com diferentes segmentos do eleitorado:

Eu acho que ser jovem [favorece a minha candidatura]. Ter um movimento. Ter um projeto que todo lugar que eu chego as pessoas falam: “Ah, tu faz o quê?”. Aí a gente já vai: “Ah, eu sou bióloga. Me formei na Universidade de Pernambuco. Sou fundadora de um coletivo”. Então eu já falo do Xô Plástico. Se eu for num lugar que eu vejo que é feira, né? Que é mais voltado para os ambulantes. Eu sempre falo do meu pai que é ambulante. Então as pessoas se identificam com isso. Então traz essa vontade de realmente fazer a esperança na cidade. – Lais Araújo (25 anos, parda, sem iniciativa de apoio, candidata a deputada estadual, Pernambuco, PSOL)

A exposição aos eleitores durante a campanha foi, para algumas pessoas, uma experiência mais positiva do que o esperado. Como relatou Professora Conceição:

A gente saía de casa em casa cumprimentando as pessoas, apresentando proposta, falando da bandeira que eu defendia, e isso me dava um prazer enorme. Um dia, a gente foi na feira e ficou conversando com as pessoas, umas eu já conhecia, outras não. Aí chegamos em um moço e ele estava tão mal humorado, falou que não votava em ninguém e que não queria saber, mas eu continuei conversando com ele. As meninas da equipe ficaram impressionadas com a minha paciência, mas essas pessoas eram as que eu mais queria conversar. Então, eu achei isso interessante, eu não tinha me dado conta dessa coisa de você se vender mesmo,

---

3. Uma candidata não respondeu a essa pergunta específica.

---

vender a proposta. – Professora Conceição (62 anos, preta, Tenda das Candidatas, candidata a deputada estadual, Tocantins, MDB)

Carlos Lula – um dos 4 candidatos eleitos entre as 51 pessoas entrevistadas – trouxe outra perspectiva sobre a importância dos atributos pessoais. Para ele, ter visibilidade pelo trabalho que fez e ser conhecido favorece uma candidatura. Como ele mesmo relatou:

O primeiro passo para as pessoas que querem se candidatar é serem conhecidas. Eu estava na TV o tempo todo em razão do cargo que ocupava. Então, nesse ponto eu saí na frente. As pessoas: “ah, te conheço; ah, te vi na TV”. Então, por conta disso, acho que isso me favoreceu muito. – Carlos Lula (40 anos, pardo, Renova BR, candidato a deputado estadual, Maranhão, PSB)

Candidatas e candidatos que ainda se encontram em momentos iniciais de suas trajetórias políticas (a maioria das pessoas entrevistadas nunca foi eleita), bem como aquelas e aqueles que surgiram com as novas ondas de renovação, tendem a olhar a política de uma perspectiva bastante individualizada, concentrada em suas vantagens pessoais, muitas vezes, dando menos atenção a aspectos fundamentais das chances eleitorais, como a construção da trajetória partidária, que tem um impacto mais substantivo nas chances de eleição.

Para além das 37 candidatas e candidatos (72,5%) que identificaram terem sido favorecidas e favorecidos por seus atributos e características individuais, 4 (8%) acreditam que o fato de terem recebido financiamento e apoio de seus respectivos partidos e lideranças também foi um diferencial para a campanha. Três pessoas entrevistadas (6%) relataram que as suas propostas as favoreceram nas eleições, e outras 3 (6%) apontaram que a dedicação e disponibilidade para pedir votos as favoreceram. Por fim, 2 pessoas entrevistadas, ambas compondo parte da amostra sem apoio de iniciativas, mencionaram que suas equipes e a estrutura da campanha foram um diferencial.

## 2. Na percepção das candidatas e candidatos, quais foram os principais fatores que dificultaram suas campanhas?

Das 51 candidatas e candidatos da amostra, 21 (41%) citaram a falta de apoio do partido como uma das maiores dificuldades enfrentadas, mesmo que a maior parte das pessoas entrevistadas – 39 (76%) – tenha mencionado que recebeu algum recurso do fundo do partido.

Nesse contexto, buscamos identificar o que querem dizer quando se queixam da falta de apoio. Quando perguntadas, as pessoas relataram o repasse de verbas insuficientes para a condução de suas campanhas, o repasse tardio dessas verbas e a falta de apoio das lideranças durante o processo eleitoral. Relatos de dificuldades de acesso a recursos foram feitos por homens e mulheres de partidos políticos de todo o espectro ideológico. Apesar disso, muitas candidatas percebem que o problema tem um viés específico de gênero. Por exemplo, como relatou Cristina Costa, o maior desafio da candidatura é lidar com a desigualdade dentro do partido:

A desigualdade é muito grande por a gente ser mulher, principalmente por ser mulher negra. Por ser professora e por ser do Partido dos Trabalhadores. Apesar que eu me ponho e tenho muito respeito e esse respeito eu faço valer. Mas uma das dificuldades que eu mais enfrento também é a questão interna dentro do partido. – Cristina Costa (58 anos, preta, sem iniciativa de apoio, candidata a deputada estadual, Pernambuco, PT)

A esse respeito, Maysa Peres Cunha Peixoto externou que entende a questão como violência política de gênero. Em suas próprias palavras:

Por que a mulher não tem o mesmo direito proporcional de ajuda de custo do partido, assim como o homem? O homem não recebeu 2 milhões de reais para desenvolver uma campanha de deputado federal no país? Como a mulher recebe 90 mil reais? Neste caminho, eu confrontei essa violência. E eu fui ouvida, mas não fui entendida. Ou seja, os argumentos que me apresentaram: “Ah, mas você

é a primeira vez que se candidata. Você não tem chances de ser eleita nas urnas. Você também não é amiga do fulano e do fulano”. Então, assim, essa violência política da discriminação da mulher na política me ofendeu. Mas é algo que eu estou continuando uma demanda. Por que me ofendeu? Em primeiro lugar, para a chapa ser validada, ela precisa ter no mínimo 30% de candidatas mulheres. Mas depois que a chapa é validada, o trabalho do homem, o trabalho do candidato a deputado federal do sexo masculino é mais desgastante do que o da mulher? Então por que essa violência política? Em algum momento, a mulher é valorizada porque sem ela não existe a chapa para concorrer. E, ao mesmo tempo, depois que usou a mulher pra concorrer, pra conseguir a chapa, para que ela aconteça. Aí, na hora do repasse da verba, há uma discriminação? A mulher não pode receber a mesma ajuda de custo? Por que é que o dinheiro não é dividido? Essa ajuda de custo, então, não é dividida de forma isonômica, de forma igual. Porque nós temos um mesmo objetivo, que é ser eleito e trabalhar em uma campanha de forma legal. – Maysa Peres Cunha Peixoto (49 anos, branca, Goianas nas Urnas, candidata a deputada federal, Goiás, PP)

Como relatou Dani Portela, candidata que indicou ter tido uma boa relação com seu partido durante a disputa eleitoral, uma das vias para tentar aumentar o acesso a recursos dentro do partido – e, assim, diminuir a desigualdade na distribuição – é estreitar as relações e se organizar internamente antes da época do pleito. Nas palavras dela:

Não é interessante a gente se aproximar de um partido só para disputar eleição, porque aí há a possibilidade de a gente sair um pouco machucada, a gente tem que entender. Hoje, como eu virei figura pública, eu não estou mais na instância. Mas eu sempre fui dirigente. Mas aí tem mulheres que eu apoio, que estão nas instâncias desse partido político. E então, por isso que eu digo que é importante que as mulheres candidatas se organizem no interior do partido político. Então, eu sou uma mulher do movimento, eu construo uma rede social, mas eu também construo o partido.. – Dani Portela (47 anos, preta, Rede Mulheres Negras de PE, candidata a deputada estadual, Pernambuco, PSOL)

Na amostra, 11 (21%) das pessoas entrevistadas também descrevem a falta de dinheiro, em geral, como uma das maiores dificuldades para a campanha eleitoral, dentre elas, 6 – ou mais da metade das 11 – provenientes de iniciativas de apoio. Para Creuzamar Pinho, por exemplo, poder contar somente com os recursos do partido, em um contexto no qual existem grandes discrepâncias quanto aos recursos pessoais, é um desestímulo. Como relatou a candidata:

Eu só tenho apoio do partido via fundo eleitoral, não tenho uma outra fonte. Nenhuma outra fonte. Quando a gente fala com outros candidatos eles dizem: “se não tiver 2,5 milhões de reais é melhor nem registrar a candidatura”!. Aí, como é que eu vou concorrer com 180 mil reais? – Creuzamar Pinho (53 anos, preta, Tenda das Candidatas, candidata a deputada estadual, Maranhão, PT)

Essa também foi um ponto trazido pelo Pastor Lucas Máximo, que enfatizou a necessidade de disponibilidade de recursos antes do período eleitoral propriamente dito, algo que dificultou a construção de sua campanha:

Achei que seria mais simples, mais fácil de conseguir esses contatos, de conseguir esses apoios. [...] Acho que a questão de construção de campanha, de onde está a agenda, não é algo tão simples e exige um planejamento de pensar em agendas, de pensar em onde está, na rua, a equipe, enfim. – Pastor Lucas Máximo (28 anos, preto, Renova BR, candidato a deputado estadual, São Paulo, União Brasil)

Das pessoas entrevistadas, 9 (18%) destacam a vulnerabilidade e a exposição a episódios de violência política como um dos maiores entraves, sendo que dessas/es, apenas 3 participaram de iniciativas de apoio, o que pode sugerir que esses programas oferecem um ambiente de alguma proteção às/aos candidatas/os. Esta temática será retomada na próxima seção).

Quatro (8%) entrevistadas mencionaram a composição de equipe como um grande obstáculo. Entre elas/es, Ingra Cos-

ta, que relatou as dificuldades enfrentadas nesse processo:

Faltou também uma equipe, porque em Porto Alegre, na capital, tem bastante militantes, já aqui não tem. Você tem que pagar as pessoas para panfletar e acaba concorrendo com outros candidatos que também pagam para panfletar. É muito difícil fazer a equipe que é paga abraçar a luta, porque pode vir outro candidato e pagar mais. Então, eu fiquei junto com a equipe do primeiro ao último dia. Era até engraçado, porque depois de um tempo as equipes dos outros candidatos cruzavam com a gente, nos cumprimentavam e ficavam chocados. Eles não acreditavam que eu era candidata, porque é muito difícil o candidato ir para rua, principalmente no interior. A galera só tinha agenda com empresário e a gente ia para porta de fábrica, parada de ônibus e tal. – Ingra Costa (31 anos, branca, Tenda das Candidatas, candidata a deputada federal, Rio Grande do Sul, PSOL)

Por fim, cinco entrevistadas (10%) apontam outras causas, tais como a dificuldade em convencer o eleitorado sobre a relevância da própria candidatura, a relação delicada entre a comunidade religiosa e o envolvimento com a política, a idade e o fator juventude associado à política, bem como a polarização política para quem não se alinhou com a agenda política dos candidatos à Presidência que foram ao 2º turno; e, por fim, a falta de informações sobre eleições.

Quando perguntadas sobre aspectos da campanha que não corresponderam às expectativas, 25 (50%) entrevistadas também relataram que esperavam uma relação com eleitoras e eleitores e apoio eleitoral (número de votos) diferentes do que ocorreu. Aava Santiago, por exemplo, queixou-se da perspectiva do “voto útil”, ou seja, de que as pessoas escolhem em quem votar levando em conta as chances eleitorais que identificam. Segundo a candidata, isso acaba desfavorecendo as mulheres, uma vez que candidatos homens se tornam os preferidos.

É uma leitura misógina e elitista, porque a maioria das pessoas pedindo voto pela lógica do voto útil eram mulheres sem padrinhos. Eu dobrei uma candidata maravilhosa aqui



pra estadual, que é a Lu Kalunga, que teve muito voto também e foi uma grande amiga. E eu ouvi muita gente pronunciar: “eu adoro a Lu, mas eu vou votar no Fabrício porque eu acho que ela não tem chance”. Ou você tá deixando de votar numa mulher quilombola por achar que ela não tem chance. E aí eu sempre uso a minha própria história como referencial. Se as pessoas não tivessem votado em mim em 2018 pelas ideias que eu defendo, eu não teria tido musculatura para ser candidata em 2020. Então, essa lógica tira as mulheres da política. As mais prejudicadas por essa leitura rasa de política são mulheres sem padrinhos. E eu acho que eu também fui atingida por esse lugar. – Aava Santiago (33 anos, branca, Goianas nas Urnas, candidata a deputada federal, Goiás, PSDB)

### 3. Como a violência política impactou a campanha eleitoral?

Apesar de apenas 9 (18%) pessoas entrevistadas terem identificado a violência política como a principal dificuldade de suas campanhas, 35 (69%) afirmaram terem sido vítimas de algum tipo de violência durante o processo eleitoral. Relatos de violência incluem casos de agressão em estágios bastante diferentes, indo desde a falta de financiamento, invisibilização e silenciamento, até ameaças físicas propriamente ditas.

Dessas, 35 candidatas e candidatos que indicaram terem sido vítimas de violência política, 20 (57%) contaram ter sofrido violência fora do âmbito partidário, dentre as quais 15 dessas 20 (75%) configuravam ameaças de violência presencial durante a campanha, incluindo intimidação. Outras/os 5 (25%) mencionaram violência cometida em ambiente remoto. Das/os 20 que sofreram violência fora dos partidos, 13 (65%) participaram de iniciativas de apoio a candidaturas. É importante explicar que algumas candidatas e alguns candidatos acreditam que sentiram menos agressões online porque contaram com suas equipes controlando as redes sociais, o que, de alguma maneira, as e os poupou até mesmo de receberem informações sobre essas agressões.

Para Delegada Fernanda, os maiores ataques foram verbais e relacionados às suas características pessoais, como seu gênero, profissão e naturalidade:

[Foram] muitos muitos ataques, fake news, violência política de gênero, e isso é uma coisa que me choca, porque eu que sou mulher, delegada de polícia, que trabalhei a minha vida toda, minha carreira toda, defendendo mulheres, a projeção do meu nome veio defendendo as mulheres de violência de gênero, sou hoje uma vítima diária. Todos os dias sofro algum tipo de ataque, de agressão, de xenofobia, porque nasci no interior de São Paulo e moro aqui há quase 10 anos. – Delegada Fernanda (33, branca, sem iniciativa de apoio, candidata a deputada estadual, Goiás, Solidariedade)

Esta também foi a experiência do Pastor Lucas Máximo, que relatou ter sido vítima de violência por conta da sua raça:

Durante a campanha, posso dizer assim que sofri, sim, por pessoas que eu não imaginaria, que não se faz parte de política, de nada. A gente estava na rua e era simplesmente um advogado. Ele falou se eu quisesse ir na delegacia que eu pudesse ir, que ele é advogado, que não ia dar nada para ele. Porque ele me chamou de negro, por isso que o nosso Brasil não ia para frente, por causa da nossa cor, da nossa raça. – Pastor Lucas Máximo (28 anos, preto, Renova BR, candidato a deputado estadual, São Paulo, União Brasil)

Outras pessoas entrevistadas também relataram que, no contexto da polarização, se tornaram alvos de violência por conta dos seus posicionamentos políticos. Como descreveu Aava Santiago:

Durante a campanha, eu devo ter sido hospitalizada umas quatro ou cinco vezes porque eu sou da Assembleia de Deus, sou do PSDB, fazendo campanha pro Lula nesse momento. Então, eu nunca fui tão ofendida, atacada. [...] Então foi uma violência de gênero estrutural, que atravessou todas as mulheres da minha família, que não deixou nem o meu marido nem a igreja ilesa, porque ele também adoeceu. A minha equipe inteira adoeceu. – Aava Santiago (33 anos, branca, Goianas nas Urnas, candidata a deputada federal, Goiás, PSDB)

Dani Portela, que relatou uma experiência ainda mais drástica envolvendo integrantes das Forças Armadas, também acredita que a violência política que sofreu está relacionada ao seu posicionamento ideológico:

Olha, as violências mais expressivas são as ameaças de morte. Um pouquinho antes da campanha eu recebi um e-mail do Exército Brasileiro, que supostamente foi espalhado um e-mail com frases do tipo militar, uma linguagem bem militarista, mas dizendo assim “Ah, vamos terminar com você. O que não concluímos com o comunista do seu pai. Dessa vez o serviço será completo”. – Dani Portela (47 anos, preta, Rede Mulheres Negras de PE, candidata a deputada estadual, Pernambuco, PSOL, uma das 4 candidatas eleitas)

Esse ponto foi reiterado por Marina Torres, que acredita ter conseguido ficar um pouco mais imune justamente por ter reduzido sua exposição pessoal e ideológica – escolhas que não são fáceis em um contexto de eleição, já que também podem afetar as chances de se destacar diante do eleitorado. Disse ela:

Por conta de pessoas, sim. Eu só não sofri mais porque eu não bati tanto na tecla do que eu vivencio, das experiências e das crenças que eu tenho. Se eu me posicionasse completamente seria muito perigoso, estava muito perigoso sair na rua. – Marina Torres (37 anos, branca, sem iniciativa de apoio, candidata a deputada federal, Goiás, Novo)

Relatos de violência dentro de seus próprios partidos também foram comuns, e mencionados por 15 (43%) das 35 pessoas entrevistadas que afirmaram terem sido vítimas de violência política. Mesmo no âmbito partidário, esse tipo de violência também foi variado. Thamires Lima, por exemplo, relatou que sofreu violência oriunda de outro candidato de seu partido. Segundo ela, isso ocorreu porque ela decidiu não devolver o dinheiro que havia recebido, uma vez que o candidato rompeu um acordo informal de distribuição de recursos. Como a própria Thamires Lima descreveu:

Sofri violência psicológica. Por exemplo, ele [o candidato a

estadual com quem fazia dobradinha] me ligou às 6 da manhã me pedindo para devolver 100 mil reais. Ele disse que, como a gente rompeu com ele e aquele dinheiro era do diretório estadual para a campanha de deputado estadual, que era justo que a gente devolvesse para ele passar para outros candidatos. – Thamires Lima (32 anos, preta, Tenda das Candidatas, candidata a deputada federal, Tocantins, PSB)

Já para Ana Paula Rocha, a violência ocorreu por conta das disputas internas que levaram a sua invisibilização dentro de seu próprio partido:

Por exemplo, na página do PSOL estadual do meu partido, o meu nome só começa a aparecer depois que eu cobro. Porque quem dirige realmente gosta de me esconder estadualmente. – Ana Paula Rocha (42 anos, preta, sem apoio de iniciativa, candidata a deputada federal, Espírito Santo, PSOL)

Alycia Oliveira relatou ainda um terceiro tipo de violência: o escrutínio frequente e direcionado às mulheres pretas por parte dos colegas de partido sobre sua forma de se posicionar:

Eu falei com alguns integrantes da bancada que eu não tinha gostado e não tinha soado bem. Eles falaram que achavam que ele tinha falado no sentido positivo. Só que eu fico pensando que é muito estereótipo, uma mulher negra falando, sendo impositiva, sendo mais aguda é sempre desaforada. Tem machismo também, eles não conseguem entender uma mulher com mais força, acham que é desaforada. Não foi a primeira vez que eu ouvi. Toda vez que eu falava, alguns candidatos comentavam a mesma coisa, que eu era incisiva. – Alycia Oliveira (26 anos, preta, sem iniciativa de apoio, candidata a deputada federal, Alagoas, PSOL)

Ainda que os relatos sobre violência sejam mencionados na maior parte das entrevistas, há ainda um discurso bastante amplo sobre o tema, o que torna necessários mais estudos para entender melhor o fenômeno, para garantir não somente a segurança das candidatas e candidatos de grupos marginalizados na política, como também para que não se torne

um impeditivo de sua participação eleitoral.

#### **4. Qual foi o papel dos programas de apoio a candidaturas durante as campanhas eleitorais? Como ajudaramas candidatas e candidatos? O que esses programas não conseguiram oferecer?**

Na amostra total, 29 entrevistadas<sup>4</sup> participaram de programas de formação das iniciativas selecionadas. Desse grupo, 10 (34%) pessoas mencionaram como principal vantagem de tal participação o suporte emocional oriundo das trocas com outras integrantes, bem como o apoio recebido por meio dos serviços profissionais de psicologia. Outras destacaram que a maior vantagem das iniciativas são os processos de formação – dentre elas, 9 (31%) fizeram referência à formação em geral e 1 (3%) identificou a formação para lidar especificamente com os partidos. Das pessoas entrevistadas, 4 (14%) deram destaque ao networking e os aprendizados compartilhados entre as candidatas e candidatos de diferentes partidos. Por fim, das 3 restantes, 2 (10%) apontaram a credibilidade que as iniciativas oferecem para as candidaturas, e apenas 1 (3%) pessoa entrevistada deu destaque ao fornecimento de material de comunicação.

Cricielle Aguiar pertence ao grupo das que mencionaram a importância da troca com outras candidatas para sua estabilidade emocional durante a campanha:

A Tenda reuniu mulheres de vários cantos do Brasil, então ficar junto com todas elas, a ansiedade, eu tenho até curiosidade em saber como é que estão as colegas, de saber como é que está a campanha de cada uma. – Cricielle Aguiar (31 anos, preta, Tenda das Candidatas, candidata a deputada estadual, Maranhão, PT)

Já Lucilena Kalunga destacou a questão da formação:

Ah, eu acho que toda pessoa, toda candidata, tem que fazer um curso como aquele, né? Uma formação, porque é informação, quando você tem informação sua vida muda, seu olhar muda, você vai crescer em todos os aspectos. Na vida pessoal, profissional e política. E aí a gente vê tantos parla-

---

4. Duas pessoas entrevistadas não responderam a essa pergunta específica.

---

mentares que entram às vezes: sem noção de onde tá pisando, sem noção do que vai desenvolver. Eu acho que é importantíssimo, pra quem tá envolvido na política, tem que ter um curso, uma formação como essa. É necessário. – Lucilene Kalunga (40 anos, preta, Goianas nas Urnas, candidata a deputada estadual, Goiás, PSB)

Para Ingra Costa, a formação foi importante principalmente para aprender a lidar melhor com o seu partido, sobretudo na disputa por recursos:

Ainda é pouco dinheiro quando a gente fala de campanha, mas foi uma negociação que só foi possível porque as meninas ensinaram a gente, inclusive a negociar. Então, a Tenda é uma ferramenta de empoderamento político para mulheres que é inexplicável. Foi de extrema importância para ambos os resultados. – Ingra Costa (31 anos, branca, Tenda das Candidatas, candidata a deputada federal, Rio Grande do Sul, PSOL)

Henrique Korman, por sua vez, destacou a questão das relações pessoais que as iniciativas promovem. Para ele, a participação foi uma oportunidade mais leve de desenvolver relações na política:

O Renova tem gente de todos os partidos. Não todos, mas de muitos partidos diferentes. E eles criam redes ali de networking e de contato com essas pessoas. E isso na política é muito raro que, normalmente você tá no seu grupo, no seu partido ali, e você raramente interage fora do ambiente da política de fato. De uma campanha com outras pessoas. Né? Num ambiente mais informal. Então esse canal foi bem interessante. Que eu fiquei em contato. Fiz até amizade com pessoas de outros partidos do Brasil todo. – Henrique Korman (25 anos, branco, Renova BR, candidato a deputado estadual, Rio de Janeiro, Novo)

Acreditando que as oportunidades para fazer um networking positivo para apoios à candidatura são uma grande vantagem das iniciativas, Zé Fred destacou outro tipo de networking

que as iniciativas oferecem:

É uma questão de marca e tem uma questão de acesso a pessoas, acho que maior que o acesso às pessoas/doadores. Eu acho que ajuda, ajuda estar no Renova. – Zé Fred (38 anos, branco, Renova BR, candidato a deputado federal, Goiás, MDB)

Ainda que com diferentes enfoques e preferências, as pessoas entrevistadas reportam perspectivas muito positivas em relação à participação nas iniciativas. Em geral, a avaliação positiva das participantes está menos relacionada à efetividade dos programas em torná-las mais competitivas eleitoralmente, e mais relacionada a como as iniciativas promovem autoconfiança e redes de troca entre suas/seus integrantes.

Das 29 entrevistadas<sup>5</sup> que participaram de iniciativas de apoio, 11 (38%) disseram não haver desvantagem em integrar os programas. Oito (26%), porém, mencionaram a questão do tempo de dedicação necessário como um ponto negativo. Além disso, 4 (14%) disseram não gostar do ambiente remoto das aulas e da falta dos encontros presenciais. Por fim, outras desvantagens mencionadas foram o tratamento diferenciado para as/os que têm mais condições de se eleger (reproduzindo, assim, a mesma lógica dos partidos); os conflitos no período da formação, com desentendimentos entre participantes; a dificuldade das integrantes em lidar com as diferentes perspectivas ideológicas e partidárias entre candidatas e candidatos.

Andreia Souza foi uma das que relataram desentendimentos com os programas. Ela sofreu com a quebra de expectativa e sentiu falta de um acompanhamento mais próximo:

Faltou a mão [da iniciativa], quando não teve essa questão mais individual. Pra mim, a Tenda era o contraponto do Renova, porque eu tinha toda uma base de direita neoliberal. E era de conhecimento que eu tinha a bolsa. Eu vou dizer que eu não quero a bolsa? Claro que eu queria bolsa. Eu era a primeira aluna exemplar, mas a Tenda era a questão

---

5. Duas entrevistadas não responderam a essa pergunta específica.

---

da minha base, era de onde eu era. Era consolidar para que eu não me perdesse no caminho. Era ali, ali era a pegada. Ali era pegada de esquerda, era pegada de identidade. Era tudo o que eu não tinha no Renova. Não era mais que um complemento, era a essência. Era a cereja do bolo. Pra mim, era a Tenda. Porque tudo bem, eles estão me dando conhecimento, mas a minha essência está aqui. E aí a minha essência falou que não podia ficar comigo porque não podia ficar comigo. Então eu acabei. Eu saí, né? Não fui convidada a me retirar. Eu saí. – Andreia Souza (51 anos, preta, Tenda das Candidatas, candidata a deputada estadual, Rio Grande do Norte, PDT)

Já para Ingra Costa parte do problema esteve relacionada ao cronograma:

Eu acho que foi incrível. Eu penso que quanto mais antes das eleições, melhor. Em 2020, eu entrei enquanto estava rolando. Agora, em 2022, foi um pouquinho antes. Eu acho que poderia começar no 2º semestre do ano ímpar, não sei. É melhor que a gente já entre preparada no ano eleitoral, porque, muitas vezes, a gente não consegue ir na aula, porque tem algum choque de agenda. Então, talvez possa ser um pouquinho antes para contemplar mais ainda. Para a gente chegar no ano eleitoral, que é um foguete, já estando pronta. – Ingra Costa (31 anos, branca, Tenda das Candidatas, candidata a deputada federal, Rio Grande do Sul, PSOL)

Janielly Azevedo considera que, mesmo que não tenha sentido falta de nada que a iniciativa pudesse oferecer, o mundo real da política acabou apresentando outros desafios:

Eu acho que não faltou nada, mas a gente não conseguiu colocar em prática algumas coisas que a gente aprendeu. – Janielly Azevedo (33 anos, preta, Tenda das Candidatas, candidata a deputada federal, Pernambuco, PSOL)

Ainda que sejam poucas as desvantagens listadas, a questão da organização do tempo das iniciativas, que já havia sido mencionada na pesquisa +Representatividade: Eleições 2020, voltou a ser um item destacado, uma vez que as



candidatas e candidatos entendem que os programas exigem muito tempo de dedicação justamente no período em que devem estar exclusivamente voltadas e voltados para as campanhas. Outro ponto de destaque é o valor que as candidatas e candidatos dão aos encontros presenciais, que são, em geral, bastante caros, mas considerados um momento de grandes aprendizados pelas/os candidatas/os.

### **5. Passado o pleito, como candidatas e candidatos avaliam suas experiências de campanha?**

Findo o período eleitoral do pleito de 2022, convidamosas candidatas e candidatos para novas entrevistas. Dos 46 nomes que participaram dessa etapa das entrevistas, 34 (74%) afirmaram terem tido uma experiência de candidatura positiva. Destes, 18 (53%) consideraram a experiência positiva por conta da oportunidade para aprendizados, e outras 16 (47%), por conta do bom número de votos obtidos.

Elika Takimoto, uma das quatro pessoas entrevistadas que foram eleitas, acha que a agenda de campanha foi extenuante, mas lhe permitiu viver uma experiência de muito aprendizado sobre como fazer política:

Fiquei exausta. Era uma agenda em cima da outra e toda a tensão. É um ambiente muito bruto de verdade. [...] Eu e minha equipe trabalhamos além dos nossos limites. Tinha hora para acordar, mas não tinha hora para dormir, e quando era hora de dormir, a gente não conseguia dormir de ansiedade. [...] Enfim, foi exaustivo demais, mas valeu a luta, eu estou extremamente satisfeita. Eu aprendi um bocado na rua pedindo voto, a gente tem que estar na rua mesmo pra ser vista, para conversar, porque nada como o olho no olho. – Elika Takamoto (49 anos, amarela, sem iniciativa de apoio, candidata a deputada estadual, Rio de Janeiro, PT)

Carol Quintana disputou uma vaga com Elika Takamoto. Apesar de não ter sido eleita, ela também aprovou a experiência, que considerou menos violenta do que a de 2018, e a viu como uma oportunidade de estabelecer metas políticas para as próximas eleições:

Eu fiquei muito satisfeita, porque as principais metas que eu tinha colocado para essa candidatura, eu consegui atingir de forma muito satisfatória. Eu queria fazer mais do que eu fiz em 2018 e ter mais de 4 mil votos. Eu fiz 4.600 votos. Não ampliou tanto, mas ampliou. [...] Eu tive votação em municípios que eu não fui, porque eu não consegui percorrer tantos municípios quanto em 2018, até porque eu foquei em Teresópolis. [...] Eu fui a candidata mais bem votada de esquerda e a terceira mais bem votada da cidade, isso me fez capitanear esse processo das forças progressistas. Eu acho que consegui atingir alguns objetivos, tanto que o pessoal da Câmara já está falando que uma das cadeiras para 2024 é minha. Então, por esses motivos, eu saí satisfeita dessa campanha, apesar das dívidas. Um outro ponto positivo foi que a campanha foi muito mais tranquila que em 2018. Naquela época, eu recebi duas ameaças de morte, tive que fazer B.O. Dessa vez, eu tive casos de cuspe jogado na minha direção e agressões verbais, mas nada comparado a 2018. – Carol Quintana (38 anos, branca, Tenda das Candidatas, candidata a deputada estadual, Rio de Janeiro, PT)

Das 12 (26%) entrevistadas que não descreveram suas experiências como positivas, 7 (58%) mencionaram terem algumas ressalvas, apesar de também terem tido experiências satisfatórias de forma geral. Esse é o caso de Janielly Azevedo. Para ela, as dinâmicas partidárias acabam tornando a campanha muito individual e desmotivadora:

O que me deixou insatisfeita, mais uma vez, foi o abandono do partido. Eu venho de movimento social, e a gente trabalha na coletividade, então é muito chato esse processo de ter uma panela e só aquelas pessoas terem visibilidade, só elas estão em um espaço, são convidadas e têm a militância do partido do lado. Acho que é muito mais sobre isso o incômodo, a gente ser deixado no limbo. Não recebe informação e não sabe de nada que vem do partido. – Janielly Azevedo (33 anos, preta, Tenda das Candidatas, candidata a deputada federal, Pernambuco, PSOL)

Das 12 (26%) pessoas que não consideraram ter vivido uma experiência positiva durante a campanha, 5 (42%) apresentaram uma visão bastante negativa, sendo que 4 (33%) justificaram essa avaliação por terem considerado a experiência muito cansativa, demandante e pouco compensadora, inclusive devido aos poucos votos recebidos. Para Fran Linck, por exemplo, sua candidatura foi uma experiência com muitos pontos negativos, dado o impacto na sua vida pessoal. A perspectiva dela traz um aspecto muito mencionado por mulheres: o fato de terem que sacrificar também suas carreiras quando decidem se dedicar à política. Diz Fran Link:

Pessoalmente falando, eu não gostei muito. Tive prejuízos pessoais, eles foram um pouco traumáticos, digamos. Eu fiz 30 mil quilômetros, aquela coisa de passar o ano inteiro sem cuidar da saúde, física e emocional. Eu acabei deixando a minha vida particular de lado em prol desse projeto. Então, se eu for pensar na Franciele pessoa física, eu não me envolveria nunca mais com isso. Eu engordei dez quilos, deixei as minhas atividades, a minha parte emocional e psicológica ficou bastante a desejar durante o ano, coisas que em outros anos eu conseguia me manter muito melhor. Mas em relação ao desenvolvimento profissional, de conhecer outras pessoas, desenvolver relações e até mesmo o tipo de argumentação de fala junto ao público, isso eu tenho certeza que futuramente pode ser que eu vá colher os frutos. Também teve a questão em relação aos clientes que não apoiaram, então tive essas perdas na empresa. – Fran Linck (33 anos, branca, sem iniciativa de apoio, candidata a deputada federal, Rio Grande do Sul, Novo)

Para Jodoval, a avaliação negativa do processo se deveu à frustração com o número de votos recebidos:

Realmente, não fiquei satisfeito. Tinha uma perspectiva muito ousada, mas o resultado foi muito aquém. Não vou desmerecer os votos que eu tive, mas fiquei frustrado com o resultado porque a campanha parecia muito fácil, foi muito vista. A gente trabalhou bastante a visibilidade nas redes sociais, sobretudo no Facebook e Instagram que, para nossa região, são os que mais têm alcance, trabalhamos também a visibili-

dade nas ruas. As pessoas viram, mas a gente não conseguiu converter essa visibilidade em voto. – Jodoval (45 anos, pardo, Renova BR, candidato a deputado federal, Amapá, PSB)

Apesar de alguns relatos darem conta do desânimo por parte das candidatas e candidatos, tendo em vista os resultados eleitorais da amostra, a forma positiva como a derrota nas urnas foi encarada, demonstra, de certo modo, resiliência por parte das candidatas e candidatos que, cada vez mais, compreendem que a carreira política exige diferentes tipos de investimento, incluindo tempo.

## 6. Como as candidatas e candidatos percebem o futuro de suas trajetórias políticas?

Das 42 pessoas entrevistadas<sup>6</sup> que não foram eleitas, 19 (45%) pretendem se candidatar novamente. Quanto às demais, 16 (38%) planejam continuar na política de forma distinta, pelo menos por um tempo, sem se candidatarem, seja participando de campanhas ou apoiando causas, e 7 (17%) ainda estavam avaliando os caminhos a seguir.

Thamires Lima (32 anos, preta, Tenda das Candidatas, candidata a deputada federal, Tocantins, PSB) foi categórica ao falar sobre se candidatar novamente: “Meu nome vai estar lá na urna como vereadora e vamos pensar nessa construção, seja no PSB ou no PT.”

É o mesmo caso de Ingra Costa, que também vê uma nova candidatura como certa em 2024:

Eu acredito que exista novamente a tarefa de encampar uma candidatura em 2024. Principalmente, depois do sucesso desses dois últimos resultados. Em 2020, foi a primeira vez que eu concorri e fui uma das mais votadas da cidade. Então, eu acredito que a avaliação, tanto enquanto partido, coletivo e movimento social, seja a de que a gente apresente novamente a nossa candidatura em 2024. – Ingra Costa (31 anos, branca, Tenda das Candidatas, candidata a deputada federal, Rio Grande do Sul, PSOL)

Já Bernard Batalha é um dos que seguirão na política, mas

---

6. Das 46 pessoas candidatas que aceitaram o convite para a segunda etapa de entrevistas, 4 foram eleitas.

---

sem se candidatar na próxima eleição:

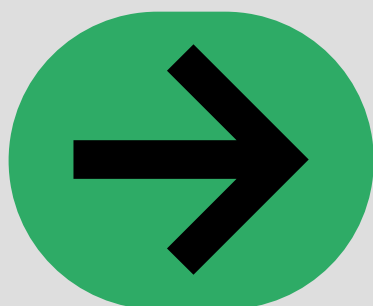
Eu pretendo, sim, continuar dentro do partido. Eu já conversei a respeito com pessoas dentro do partido, de algumas situações que eu, Bernard, acho que precisam ser melhoradas, né? Mas, pra 2024, vamos colocar, daqui a dois anos, que tem eleição, eu te diria que eu vou ajudar de uma outra forma, não vindo a candidato. Eu vou ajudar, talvez, apoiando um amigo como o Pedro, ou uma outra pessoa. Mas a longo prazo, sim, eu pretendo voltar. – Bernard (35 anos, branco, Renova BR, candidato a deputado estadual, Rio de Janeiro, Novo)

Creuzamar Pinho e Vanessa Xerente também estão refletindo sobre o custo das suas candidaturas para as suas vidas pessoais e avaliando se faz sentido continuar tentando entrar para a política formal:

Porque são três candidaturas. Três anos consecutivos não dá. Eu sacrifico a minha família financeiramente. A mim mesma. Essa campanha eu saí com um problema de saúde, eu estou com alteração no coração, hipertensa. Eu tenho que repensar a vida. – Creuzamar Pinho (53 anos, preta, Tenda das Candidatas, candidata a deputada estadual, Maranhão, PT)

Meu nome foi citado para ser candidata a prefeita. Eu acho que uma campanha para prefeito teria que ter uma estrutura maior e um engajamento do partido. A campanha para prefeitura e para vereador é muito tensa e muito presente, você vai viver 45 dias sem dormir. – Vanessa Xerente (33 anos, indígena, sem iniciativa de apoio, candidata a deputada federal, Tocantins, Rede).

**3**



**CONSIDERAÇÕES**

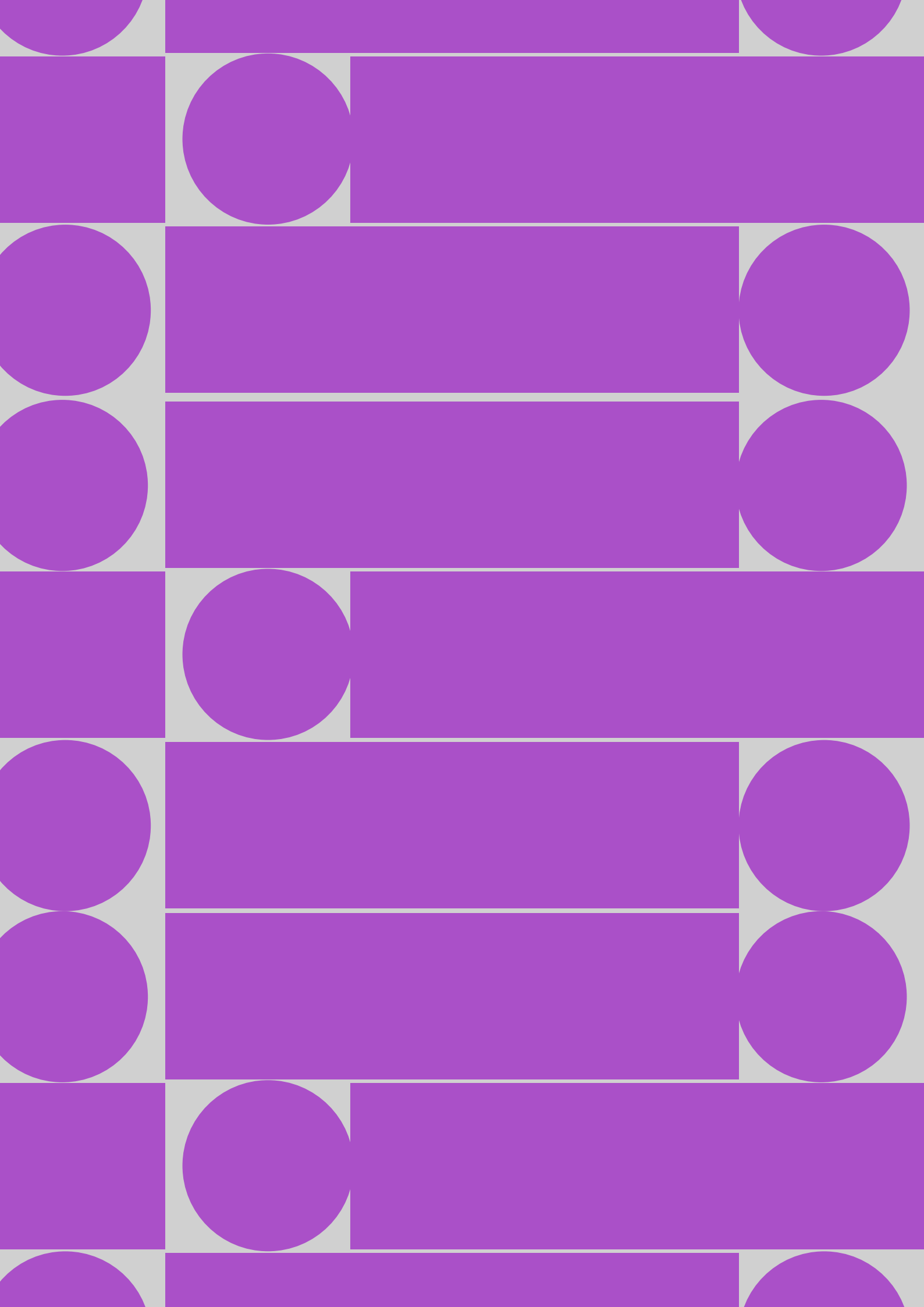
**FINAIS**

Em comparação com a maioria daquelas e daqueles que competem nas eleições municipais, candidatas e candidatos de eleições nacionais costumam estar momentos mais avançados de suas trajetórias políticas, o que faz com que a experiência de campanha – mesmo se tratando de pessoas que pertencem a grupos marginalizados – seja um pouco mais conhecida, o que facilita a forma como a vivenciam.

De qualquer forma, alguns relatos foram bastante eloquentes nas entrevistas com 51 candidatas e candidatos. Eles fornecem informações relevantes sobre a ainda bastante difícil relação com os partidos – inclusive, para as pessoas que participaram de iniciativas de apoio –, bem como sobre um excesso de enfoque nos atributos pessoais como possibilidade de conquista do eleitorado. A violência política persiste como uma marca que, no entanto, ainda não impede que campanhas sejam realizadas.

No que diz respeito à relação com as iniciativas, existe uma enorme admiração das participantes pelo trabalho que oferecem, sobretudo no que diz respeito ao acolhimento emocional. No entanto, não há uma correlação forte estabelecida por elas quanto à efetividade no que diz respeito ao eleitoral. A questão do cronograma, porém, permanece sendo vista como um ponto a ser melhorado, de modo a ordenar melhor o uso do tempo das candidatas e candidatos..

Um ponto que consideramos bastante positivo nas informações extraídas da entrevista diz respeito à resiliência das candidatas e candidatos que, apesar de todos os desafios, têm mantido sua intenção em permanecer na política. O suporte emocional das iniciativas de apoio tem se mostrado bastante eficiente nesse sentido.





## **PESQUISA**

### **Coordenação geral da pesquisa e texto**

Débora Thomé

Malu A. C. Gatto

### **Assistentes de pesquisa - sênior**

Caroline Caldas

Flavia Bozza Martins

### **Assistentes de pesquisa - júnior**

João Gabriel Leal

Mayres Pequeno

### **Coordenação de pesquisas - Instituto Update**

Marcelo Bolzan

## **PUBLICAÇÃO**

### **Redação/ Edição**

Débora Thomé

Malu A. C. Gatto e

### **Pesquisa/ Redação**

João Gabriel Leal

Mayres Pequeno

### **Revisão**

Claudia Cavalcanti

### **Produção editorial**

Dany Fioravanti

Marcelo Bolzan

### **Projeto gráfico e diagramação**

Tamires Mazzo

## **EQUIPE UPDATE**

Alejandra Parra

Carolina Althaller

Dany Fioravanti

Dardo Ceballos

Ingrid Farias

Nadja Aguiar

Suane Barreirinhas

---

Resumo Executivo

Relatório 01 - Diversidade nas eleições: pessoas candidatas e eleitas

Relatório 02 - As preferências do eleitorado: diversidade

Relatório 03 - As preferências do eleitorado: escolha do voto

Relatório 04 - Iniciativas de apoio à candidatas e candidatos

Relatório 05 - Iniciativas de lideranças indígenas

Relatório 06 - O que nos contam as candidatas e candidatos

Relatório 07 - O que nos contam as lideranças partidárias

**+REPRE  
SENTATI  
VIDADE**